

PEDAGOGIA DA ESPERANÇA: MEMÓRIA, ESCRITA EXPERIENCIAL E REFLEXIVIDADE (AUTO)CRÍTICA EM PAULO FREIRE

José González-Monteagudo (US)*
<https://orcid.org/0000-0002-3094-8092>

Mario León-Sánchez (US)**
<https://orcid.org/0000-0002-2649-944X>

Verónica Sevillano-Monje (US)***
<https://orcid.org/0000-0002-1533-5829>

RESUMO

O objetivo de nosso artigo é apresentar, discutir e avaliar criticamente as contribuições de Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Esperança* de 1992, focalizando a escrita experiencial e engajada, a memória, a resistência e a emancipação. A *Pedagogia da Esperança* é uma evocação – quase um quarto de século depois – do contexto pessoal, profissional, político e cultural no qual a *Pedagogia do Oprimido* foi desenvolvida. Destacamos os conteúdos, desafios, contribuições e debates gerados pela escrita envolvida e experiencial presente na *Pedagogia da Esperança*, particularmente em relação às questões sociais e educacionais, tudo a partir de uma perspectiva crítica e engajada. Este documento tem quatro seções. A primeira parte consiste em uma introdução e contextualização de Freire e seu itinerário. Após uma segunda seção sobre a metodologia, a terceira seção descreve e comenta o conteúdo, as tramas e as características narrativas da *Pedagogia da Esperança*. Na seção sobre considerações finais, discutimos as implicações, impacto e relevância deste livro para o atual momento político e educacional no Brasil e em muitos outros países, sob governos que estão desenvolvendo

* PhD em pedagogia e professor na Faculdade de Educação da Universidade de Sevilha (Espanha). Ele trata de pesquisas qualitativas e biográfico-narrativas, teorias educacionais contemporâneas, educação de adultos e aprendizagem ao longo da vida, diversidade cultural, migrações, mobilidades acadêmicas, educação comparativa e internacional, políticas educacionais. Ele participou de diferentes projetos de pesquisa e intervenção europeus e transnacionais. Ele tem sido professor visitante em numerosas universidades da Europa e América. E-mail: monteagu@us.es.

** Graduado em Educação Social e Mestre em Psicologia Aplicada, Universidade de Castilla La Mancha. Doutorando com bolsa de pré-doutorado no Departamento de Teoria e História da Educação e Pedagogia Social da Universidade de Sevilha. Atualmente, ela está trabalhando em sua tese sobre as perspectivas das famílias de imigrantes e dos professores do ensino médio, concentrando-se na identificação de modelos de educação intercultural inclusiva. E-mail: mleons@us.es.

*** Graduado em Pedagogia e Mestre em Formação e Orientação Profissional para o Emprego, Universidade de Sevilha, Espanha. Doutorando com bolsa de pré-doutorado no Departamento de Teoria e História da Educação e Pedagogia Social da Universidade de Sevilha. Interesses de pesquisa: educação inclusiva e intercultural, crianças e jovens em dificuldade social, transição para a vida adulta. E-mail: vsevillano@us.es.

políticas neoconservadoras e neoliberais.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo Freire; memória; escrita experiencial; esperança; reflexividade.

ABSTRACT

PEDAGOGY OF HOPE: MEMORY, EXPERIENTIAL WRITING AND (SELF)CRITICAL REFLEXIVITY IN PAULO FREIRE

The aim of our article is to present, discuss and critically evaluate Paulo Freire's contributions in his 1992 book *Pedagogy of Hope*, focusing on experiential and engaged writing, memory, resistance and emancipation. *Pedagogy of Hope* is an evocation – almost a quarter of a century later – of the personal, professional, political and cultural context in which *Pedagogy of the Oppressed* was developed. We highlight the contents, challenges, contributions and debates generated by the involved and experiential writing present in *Pedagogy of Hope*, particularly in relation to social and educational issues, all from a critical and engaged perspective. This paper has four sections. The first part consists of an introduction and contextualisation of Freire and his itinerary. After a second section on the methodology, the third section describes and comments the contents, plots and narrative features of *Pedagogy of Hope*. In the section on final considerations, we discuss the implications, impact and relevance of this book for the current political and educational moment in Brazil and many other countries, under governments that are developing neoconservative and neoliberal policies.

KEYWORDS: Paulo Freire; memory; experiential writing; hope; reflexivity.

RESUMEN

PEDAGOGÍA DE LA ESPERANZA: MEMORIA, ESCRITURA EXPERIENCIAL Y REFLEXIVIDAD (AUTO)CRÍTICA EN PAULO FREIRE

El objetivo de nuestro artículo es presentar, discutir y valorar críticamente las aportaciones de Paulo Freire en su libro de 1992, *Pedagogía de la esperanza*, poniendo relieve en la escritura experiencial e implicada, la memoria, la resistencia y la emancipación. Esta obra constituye una evocación -casi un cuarto de siglo después- del contexto personal, profesional, político y cultural en el que se gestó la *Pedagogía del oprimido*. Destacamos los contenidos, retos, aportaciones y debates que ha generado la escritura implicada y experiencial presente en la *Pedagogía de la esperanza*, particularmente en relación con las cuestiones sociales y educativas, todo ello desde una perspectiva crítica y comprometida. Este trabajo tiene cuatro secciones. La primera parte consiste en una introducción y contextualización sobre Freire. Tras una segunda sección sobre el recorrido metodológico, la tercera sección describe y comenta los contextos, procesos, contenidos, tramas y características narrativas de la *Pedagogía de la esperanza*. En la sección sobre consideraciones finales, discutimos las implicaciones, el impacto y la pertinencia

de este libro para el momento político y educativo que se vive en Brasil -y en muchos otros países-, bajo gobiernos que desarrollan políticas neoconservadoras y neoliberales.

PALABRAS CLAVES: Paulo Freire; memoria; reflexividad; esperanza; escritura experiencial.

INTRODUÇÃO: CONTEXTO HISTÓRICO E BIOGRÁFICO DE PAULO FREIRE

O objetivo de nosso artigo é apresentar, discutir e avaliar criticamente as contribuições de Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Esperança* (PE) de 1992, com foco na escrita experiencial, narrativa e escrita implícita, enfatizando as dimensões de resistência e empoderamento neste tipo de narrativas. Este artigo tem quatro seções. A primeira parte consiste em uma introdução e contextualização do Freire. Após, uma segunda seção sobre o percurso metodológico, a terceira seção descreve e comenta o conteúdo, as tramas e as características narrativas da PE. Na parte final, discutimos as implicações, impacto e relevância deste livro para o momento político e educacional atual.

Iniciamos nosso trabalho oferecendo uma síntese histórica sobre o itinerário intelectual e pedagógico de Freire, a fim de situar a PE no contexto global de sua vida e trabalho (CORTESÃO, 2019; DICKAMN, DICKMAN, 2016; HADDAD, 2019; KOHAN, 2019; MOTA NETO, 2016; TORRES, 2019; STRECK, REDIN, ZITKOSKI, 2010). Freire nasceu em 1921 em Recife (Pernambuco, Brasil), em uma das regiões mais pobres do país. Ele estudou Direito, mas deixou a profissão no dia em que começou a lidar com seu primeiro caso. O que realmente o interessava era a língua e a educação. Começou a ensinar português em uma escola particular. Ele se casou com Elza, professora e mais tarde diretora da escola. Desta união nasce-

ram cinco filhos. Freire foi nomeado diretor do Departamento de Educação e Cultura do SESI, um órgão da organização patronal brasileira. Ele trabalhou lá de 1947 a 1957. Em 1959 defendeu sua tese de doutorado, intitulada *Educação e atualidade brasileira*, e obteve o título de professor de filosofia e história da educação na Universidade do Recife. Naquela época, Freire defendeu uma abordagem sócio-educativa nacionalista e liberal e colaborou com um grupo de sociólogos, economistas e educadores que queriam contribuir para o desenvolvimento de um Brasil moderno e pós-colonial. Neste contexto, e, ao longo dos anos 60 e 70, Freire desenvolveu suas primeiras experiências educacionais com adultos analfabetos, evoluindo para posições marxistas e progressistas. Freire foi um membro fundador do Movimento de Cultura Popular do Recife. Gradualmente, ele se destacou nacionalmente por sua prática de alfabetização.

Em 1964, o golpe militar contra o Presidente Goulart pôs fim ao ambicioso programa nacional de alfabetização para o qual Freire havia sido nomeado como responsável. Depois de passar 70 dias na prisão, exilou-se na Bolívia, onde foi novamente surpreendido por outro golpe de Estado. Finalmente conseguiu chegar ao Chile, onde se estabeleceu entre 1964 e 1969, trabalhando como assessor do Instituto de Reforma Agrária e do Ministério de Educação

Nacional. No Chile, continuou a desenvolver programas de alfabetização. Em 1969, Freire encerrou sua carreira na América Latina. Quando ele partiu para Harvard como professor visitante, já havia escrito três livros importantes: *Educação: a Prática da Liberdade*, publicada em 1967, uma adaptação de sua tese de doutorado; *Extensão ou Comunicação? Conscientização no meio rural*, publicado em 1969; e *Pedagogia do oprimido*, publicado em 1970, mas escrito dois anos antes. Em nossa opinião, isto conclui a primeira etapa do Freire. A abordagem política, epistemológica e metodológica está bem definida nestes trabalhos: a crítica à educação bancária, à opressão e ao colonialismo; a educação libertadora como alternativa; a "politização" ou não da educação; a reconciliação do cristianismo e do marxismo; e, finalmente, a conscientização e o método psicossocial de alfabetização.

A segunda etapa de sua vida ocorreu fora da América Latina, primeiro nos Estados Unidos, onde trabalhou em Harvard por pouco menos de um ano, e, sobretudo, em Genebra, onde viveu de 1970 a 1980. Durante este período, destaca-se o livro *Carta à Guiné-Bissau sobre Alfabetização*, publicado em 1977. Outro trabalho importante deste período é uma coleção de textos e comentários de Freire sobre sua própria teoria e metodologia educacional, publicados pelo INODEP. Sua passagem por Harvard contribuiu para seu reconhecimento e aceitação internacional. Na *Harvard Educational Review* (vol. 40, no. 2) ele publicou dois artigos fundamentais em 1970. Mas o que foi decisivo para este período foi sua colaboração com o Conselho Mundial das Igrejas, com sede em Genebra. Freire e sua equipe lançaram numerosas campanhas de alfabetização, especialmente para a África, numa época em que os novos estados africanos

pós-coloniais estavam tentando estabelecer seus projetos nacionais. Na época, os livros de Freire foram traduzidos para vários idiomas e foram amplamente distribuídos internacionalmente. Sua mensagem, sua figura carismática e sua pedagogia libertadora se espalharam pelo mundo.

A terceira etapa foi depois de seu exílio. Em 1980 retornou definitivamente ao Brasil para, como ele gostava de dizer, "reaprender o país" e trabalhou como professor universitário.

Em 1986, sua esposa Elza morreu. Dois anos depois ele se casou com Ana Maria Araújo. Nos anos 80, publicou dois livros: *A importância do ato de ler*, em 1982; e *A política de educação*, em 1985. Nesses anos colaborou com educadores críticos norte-americanos como D. Macedo, H. A. Giroux, I. Shor e M. Horton. Na segunda metade dos anos 80 Freire começou uma série de "livros falados", resultado de discussões com educadores, sociólogos e filósofos como F. Betto, A. Faundez, D. Macedo, I. Shor, M. Gadotti, S. Guimarães, A. Nogueira e outros. Entre 1989 e 1991 foi Secretário de Educação da cidade de São Paulo, sob a administração do Partido dos Trabalhadores. Foi uma nova experiência política, mas também uma mudança de interesses. A partir daquele momento, Freire acentuou seu interesse nos livros falados e dialogados. Os temas de seus textos se expandiram, dando mais espaço à escolaridade obrigatória, ao currículo escolar, ao professor, ao aluno e à relação educativa, com um foco específico no ensino fundamental e médio. De 1991 a 1996, ainda publicou, sozinho, um livro por ano: *Educação na cidade*; *Pedagogia da esperança*; *Profesora sim, tia não*; *Cartas à Cristina*; *A sombra desta mangueira*; e finalmente, alguns meses antes de sua morte, *Pedagogia da autonomia*. Uma novidade nestes traba-

lhos dos anos 90 foi a crítica ao neoliberalismo e à chamada pós-modernidade lúdica. A importância da dimensão experiencial e narrativa da escrita também é destacada nestas obras posteriores, particularmente na PE, livro de 1992 que constitui o foco central de nosso texto.

A fim de entender melhor o lugar da PE no itinerário de Freire como um todo, acreditamos que é útil diferenciar e contrastar dois momentos ou etapas de sua carreira. O primeiro momento refere-se aos anos finais dos anos 60, que terminaram com a publicação da *Pedagogia do Oprimido*. O segundo momento está situado na última década de sua vida, aproximadamente entre 1985 e 1997. É importante entender a diferença entre estes dois períodos da obra de Freire, já que nosso artigo se concentra em um livro do segundo período, embora este livro seja uma evocação e releitura da *Pedagogia do Oprimido*, que é a obra central do primeiro período. A fim de caracterizar a diferença entre estes dois momentos, nos concentramos na concepção da crítica e em como ela evolui entre as duas fases indicadas.

Em 1970, três anos após a publicação de *Educação: A Prática da Liberdade*, Freire publicou *Pedagogia do Oprimido*, uma obra que havia escrito entre 1967 e 1968. Neste trabalho, seu discurso é radicalizado e adota um conteúdo marxista e revolucionário. Entretanto, além das formas concretas através das quais Freire situa suas ideias, acreditamos que há uma continuidade em todas as suas publicações ao longo das três décadas que decorreram entre o início da escrita da *Pedagogia do Oprimido*, em 1967, e seu último livro, *Pedagogia da Autonomia*, publicado no final de 1996, vários meses antes de sua morte.

A apresentação de ideias em *Pedagogia do Oprimido* revela uma abordagem políti-

zada, baseada em citações de Lenin, Mao, Castro e Che Guevara, entre outros, em um contexto geopolítico de guerra fria, colonialismo e autoritarismo. A partir deste livro, as propostas metodológicas e epistemológicas dependerão de uma opção política previa para liberar os oprimidos. Assim, o dispositivo metodológico, as concepções de conhecimento e as opções políticas e ideológicas estão implicados mutuamente. Freire fala dos alunos como pesquisadores críticos, da necessidade de conhecimento crítico da realidade, da legitimidade da dúvida crítica problematizadora, da reflexão crítica, da percepção crítica, da análise crítica, da inserção crítica na realidade e, é claro, da consciência crítica. A visão da crítica, ligada ao racionalismo e ao ponto de vista causal da realidade, é radicalizada a partir da *Pedagogia do Oprimido*. A ação educativa e a ação política são entendidas como duas formas de realizar a revolução. O educador e o político são revolucionários que aspiram a superar a contradição oprimida pelo opressor e a estabelecer uma sociedade sem classes. Além da invasão cultural, típica das situações de dominação, chegaremos a uma revolução cultural permanente.

O segundo momento que queremos destacar ocorre a partir de 1985, em um cenário pós-moderno, diverso e neoliberal, nos anos em que o Muro de Berlim caiu e a diversidade social e educacional se aprofundou. Neste último período, Freire publicou os chamados livros falados e outros livros de autoria individual. A PE está situada dentro do novo estilo de escrita, que é mais experiencial e narrativo. É interessante refletir sobre as mudanças ocorridas ao longo do quarto de século entre o primeiro e o último livro de Freire. Nos anos 80 e 90, o marxismo-leninismo estava agonizando e as experiências do socialismo real na URSS

e nos países satélites estavam fracassando. O projeto de mudança social revolucionária implementado por um partido, uma vanguarda ou uma elite revolucionária havia entrado em uma crise profunda. A economia, a sociedade, a tecnologia e a cultura haviam mudado radicalmente. A expansão do capitalismo neoliberal, a globalização econômica, a descolonização, a migração e o desenvolvimento acelerado de novas tecnologias haviam perturbado o contexto internacional do final dos anos 60, caracterizado pela guerra fria, o expansionismo da URSS e dos Estados Unidos, e as utopias revolucionárias baseadas no partido único.

No contexto dos anos 90, Freire criticou o neoliberalismo, mas a linguagem e a abordagem tinham mudado. Diante da ferocidade da ética do mercado, Freire falou sobre a ética universal do ser humano. Em *Pedagogia da autonomia*, Freire contrasta criticidade com ingenuidade, e curiosidade epistemológica com curiosidade ingênua (FREIRE, 1996, p. 32-34). Além disso, neste trabalho, como em outros livros deste último período de sua obra, descobrimos um Freire preocupado sobretudo com a educação formal. Em qualquer caso, a continuidade de sua mensagem em relação às etapas anteriores é indiscutível. Para prová-lo, basta enumerar as três partes da *Pedagogia da autonomia*: não há ensino sem aprendizagem; ensinar não é transferência de conhecimento; ensinar é uma atividade especificamente humana. Em seu último trabalho, Freire fala da reflexão crítica sobre a prática, tema que muito o ocupou durante seu mandato, entre 1989 e 1991, como Secretário de Estado da Educação do Estado de São Paulo. Suas propostas são mais contextuais e matizadas, depois de todas as lições aprendidas de seu exílio e de seu tempo como responsável político da educação formal.

Os esforços do feminismo e do pós-modernismo crítico para abordar uma interpretação pós-marxista do Freire são muito interessantes. Criticar o Freire não implica rejeitar toda sua abordagem pedagógica e política. Estas críticas enriquecem o trabalho de Freire e o situam nos cenários de mudança e complexidade de nossa atual sociedade globalizada, neoliberal, digitalizada, multicultural e diversificada. A diferença, o conflito, o eu instável, a complexidade, a incompletude, a dispersão e a pluralidade são características distintivas do pós-modernismo, compatíveis com a abordagem de Freire, embora esta abordagem esteja principalmente ligada ao engajamento político com grupos oprimidos. Isto nos leva a uma realização mais complexa da conscientização do grupo, ligada nos primeiros livros de Freire a uma narrativa iluminista do progresso e da emancipação. O próprio Freire evoluiu, admitindo algumas das críticas que lhe foram feitas e desenvolvendo uma forma mais dialógica e flexível de escrever. Após um período de escrita mais racionalista, a partir de meados dos anos 80, Freire posicionou-se em relação a sua própria história pessoal e coletiva; e este posicionamento é exatamente o que as primeiras críticas feministas de Freire exigiam.

É claro que esta perspectiva mais plural, dialógica e complexa é incompatível com a defesa de Freire do marxismo-leninismo e a liderança revolucionária na *Pedagogia do Oprimido*. Hoje, a releitura do marxismo - após o fracasso inequívoco do socialismo real, o questionamento da liderança revolucionária, a crítica pós-modernista do marxismo e a ascensão dos novos movimentos sociais - inviabiliza os projetos revolucionários, leninistas, maoístas e castristas do partido único. A leitura hoje das páginas da *Pedagogia do Oprimido* dedicadas à liderança

revolucionária provoca um sorriso irônico. Esta mística de revolução, como um processo linear que deveria conduzir a uma sociedade sem classes, sem conflitos sociais, em suma, ao que Freire chama de “revolução cultural permanente”, esta mística foi abandonada.

Alguns autores têm rejeitado a visão abstrata, universal e unitária da humanização e da libertação. Este rótulo genérico de humanização evita a concretização de formas específicas de opressão relacionadas a diferentes condições sociais. Em particular, as escritoras feministas insistiram nos limites do trabalho de Freire na abordagem das opressões de gênero e raça. Aludindo à não sincronização da opressão, uma autora feminista escreve que “o apelo aos oprimidos para acessar a verdadeira humanização não especifica as formas concretas de opressão experimentadas por diferentes atores sociais, bem como a possibilidade de realizar lutas entre pessoas oprimidas de diferentes maneiras por diferentes grupos” (WEILER, 1991, p. 453). Diante dos desafios do pós-modernismo e do feminismo, o trabalho de Freire pode ser relido de uma forma mais aberta e pluralista.

OBJETIVOS E PROCESSO METODOLÓGICO

Os objetivos de nosso trabalho são os seguintes: 1) situar a PE no itinerário pessoal, intelectual, político e profissional de Freire; 2) analisar os temas e tramas desta obra, identificando as principais dimensões presentes no livro; 3) rever a literatura produzida nos últimos anos sobre EP, oferecendo uma síntese atual do estado da arte desta produção freireana; 4) avaliar as contribuições, impacto e relevância da PE no momento atual.

Para isso, foi utilizada a técnica de análise documental, “que consiste em examinar

documentos já escritos que cobrem uma ampla gama de modalidades” (BISQUERRA, 2014, p. 349). Especificamente, foram revistas publicações referentes à PE, assim como contribuições recentes relevantes sobre o trabalho de Paulo Freire. Foi realizada uma pesquisa de textos científicos e acadêmicos em espanhol, português e inglês presentes no Google Scholar. Posteriormente, a leitura e classificação do conteúdo destas publicações nos permitiu gerar diversas categorias de análise, relacionadas a conteúdos, processos e tramas da PE, assim como diversas dimensões transversais (memória, escrita experiencial, viagens, propostas pedagógicas, crítica, autocrítica, relações pessoais, atividades profissionais, experiências formativas). Os documentos selecionados, que estão identificados na nossa bibliografia, foram analisados através de um processo de análise documental e de conteúdo, seguindo as etapas propostas por Bowen (2009).

CONTEXTOS, PROCESSOS, CONTEÚDOS E TRAMAS DA PEDAGOGIA DA ESPERANÇA

O contexto histórico entre o final dos anos 80 e os anos 90 é caracterizado por profundas mudanças em vários campos: processo da perestroika na URSS, iniciado em 1985; queda do Muro de Berlim em 1989, que levou à reunificação das duas Alemanhas (RDA e RFA); fim da guerra fria; fim da ditadura de Pinochet no Chile; democracia já estabelecida em Portugal e Espanha; fim do apartheid na África do Sul; fim da ditadura militar em 1985 no Brasil e início do período democrático, com predominância das políticas neoliberais e privatizadoras (CORTESÃO, 2018, p. 540).

No âmbito nacional, o contexto político e histórico brasileiro foi muito negativo, com o impeachment do primeiro presidente da

nova etapa democrática, após mais de 20 anos de ditadura, os graves problemas econômicos derivados da inflação e os frequentes escândalos de corrupção (MEGGIATO, FLORES, RUFATO, 2020, p. 148).

A PE foi publicada em setembro de 1992, depois do período de gestão política de Freire em São Paulo entre 1989 e 1991 (O'CADIZ, WONG, TORRES, 1998) e a série de livros dialogados da segunda metade dos anos 80. A PE aprofunda um estilo de escrita experiencial, subjetiva e envolvida, que certamente já estava presente nos primeiros trabalhos de Freire dos anos 60. Este estilo retórico e textual tornou-se mais forte na segunda metade dos anos 80, no contexto dos livros falados, resultado de discussões com pedagogos, sociólogos e filósofos como F. Betto, A. Faundez, D. Macedo, I. Shor, M. Gadotti, S. Guimarães, A. Nogueira e outros. Mas esta dimensão narrativa e experiencial é apresentada de forma mais explícita e radical na PE.

De fato, a PE é um exemplo particularmente eloquente desta nova sensibilidade narrativa em pedagogia crítica. Neste texto, Freire faz um balanço da *Pedagogia do Oprimido*, 25 anos após sua publicação, recontando seu itinerário pessoal e intelectual, enquanto inclui a temporalidade e subjetividade como categorias vertebrais de uma retórica textual decididamente autobiográfica.

Para entender melhor esta virada narrativa no itinerário do pedagogo nordestino, temos que comentar a mudança que ocorre naqueles anos em relação à escrita, em um contexto epistemológico e social que começou a celebrar a diversidade e a pluralidade.

De um ponto de vista objetivista e positivista, a escrita é um instrumento neutro e impessoal, utilizado para apresentar ou expor os resultados e conclusões da pesquisa.

Neste domínio, a escrita não é um problema. A linguagem 'representa' a realidade, e a representa de forma objetiva, distante e neutra. O empirismo lógico tem demonstrado um forte interesse na linguagem e no esclarecimento linguístico. Neste contexto, a ciência tem sido entendida como uma linguagem rigorosa, um sistema de proposições empíricas verdadeiras. O positivismo tem tido um impacto decisivo em contextos de pesquisa, intervenção e formação.

Com a chamada 'crise de representação' – fomentada pelas abordagens pós-estruturalista, pós-modernista, feminista e desconstrucionista – a escrita acadêmica e de pesquisa tornou-se uma questão importante, inclusive no campo da educação. G. Marcus e M. Fischer cunharam esta expressão "para se referir especificamente à incerteza dentro das ciências humanas sobre os meios apropriados de descrever a realidade social" (SCHWANDT, 2001, p. 41). Nas duas últimas décadas do século XX, houve contribuições importantes para caracterizar esta crise e oferecer caminhos alternativos.

Esta nova sensibilidade intelectual compartilha as principais características da perspectiva pós-moderna: "[...] um questionamento radical da certeza e autoridade do texto acadêmico; uma rejeição da busca da 'verdade' e da razão como absolutos; uma negação da distância intelectual e moral entre o acadêmico e seus 'sujeitos' humanos; uma suspeita das narrativas da teoria totalizante (histórica, marxista, sociológica)" (ATKINSON, 1992, p. 38). Entretanto, propomos não esquecer a relevância da ideologia e do poder como forças significativas que condicionam a ação pessoal e social.

A linguagem está sempre relacionada a uma retórica de representação. Em outras palavras, linguagem e escrita estão ligadas ao poder, ideologia, história, sociedade, cul-

tura, gênero e identidade. A linguagem e a escrita não são ferramentas imparciais em contextos sociais e formativos (COFFEY, 1999). Seguindo Derrida, é verdade que "uma revelação de práticas narrativas é sempre uma revelação de formas de poder" (RICHARDSON, 1990, p. 12). Campos como a teoria, a pesquisa básica e aplicada, o ensino e a produção de conhecimento são atividades atravessadas por dimensões morais e políticas, assim como espaços de exploração e luta (RICHARDSON, 1990, p. 63; 2000, p. 929). Além disso, a escrita é uma atividade reflexiva que envolve nosso ser físico, mental, emocional e social.

A *virada literária e narrativa*, promovida por C. Geertz, J. Bruner e outros, ampliou as formas pelas quais alguns autores conceituaram textos e enfatizou a importância das características da escrita relacionadas à pesquisa, intervenção, formação e narração da experiência (COFFEY, 1999). Nessas novas abordagens, há um forte questionamento da autoria tradicional e da visão do autor como tendo uma visão ou compreensão superior. Particularmente relevante para esta tarefa foi a publicação de 1986 da *Writing Culture*, editada por Clifford e Marcus (1991), que incorpora visões poéticas e políticas da teoria etnográfica e do trabalho de campo.

A pesquisa feminista e a epistemologia têm sido muito influentes em relação a uma nova consciência da dimensão política, de gênero e emocional da escrita e da representação (REINHARZ, 1992; BURMAN, 1994; OLESEN, 2000; COFFEY, 1999). O feminismo insiste na subjetividade e na experiência pessoal. Reinhartz lembra que "muitas feministas têm escrito que 'encontrar a própria voz' é um processo crucial da pesquisa e da escrita" (REINHARZ, 1992, p. 16).

As questões de identidade própria e pessoal têm sido geralmente obscurecidas na

escrita nos âmbitos sociais, formativos e experienciais. Como afirma um sociólogo inovador, "a ciência social se baseia em minimizar o eu, tratando-o como um contaminante, transcendendo-o, negando-o, protegendo sua vulnerabilidade... nós pintamos quadros nos quais esperamos não existir; ou, se existimos, somos subordinados ou quase invisíveis" (KRIEGER apud PLUMMER, 2001, p. 181).

Os comentários acima nos ajudam a situar o Freire no ecossistema intelectual, de pesquisa e formativo da época em que ele produziu a PE. De fato, a intertextualidade presente na PE enfatiza a hibridização e a pluralidade da escrita, estabelecendo relações dialógicas entre diferentes vozes, registros, estilos e subjetividades, em plena coerência com o clima intelectual daquele momento histórico particular. Isto implica uma superação da perspectiva polarizada presente na Pedagogia do Oprimido, que favorece um discurso que dá maior ênfase à liberdade e à diversidade (MARCELO, CARVALHO, 2018, p. 565).

A PE foi inicialmente concebida como um apêndice de uma nova edição da Pedagogia do Oprimido, mas o texto ganhou corpo e densidade, então Freire sentiu que poderia publicá-lo como um livro autônomo (HADDAD, 2019). Em nossa opinião, PE representa uma nova abordagem no itinerário de Freire como autor e escritor. De fato, após os primeiros livros, produzidos em um formato convencional, Freire passou a produzir livros-cartas e livros falados. Com a PE, Freire inicia um novo estilo narrativo que é mais subjetivo, informal e criativo (DICKAMN; DICKMAN, 2016, p. 234-235; STRECK, 2010).

A PE é composta de: (a) um Prefácio, escrito por Leonardo Boff; (b) o livro em si, composto de sete seções, que não têm títulos, e que atravessam informalmente, livre

e criativamente o contexto da criação da *Pedagogia do Oprimido*, tomando este argumento como ponto de partida para rever criticamente o itinerário da vida, intelectual, profissional e político de Freire; e (c) o apêndice de notas finais, escrito por Ana Maria Araújo, a pedido de Freire, para ajudar os leitores a melhor contextualizar a obra. No prefácio, Leonardo Boff resume o significado do trabalho:

O livro narra a trama de suas andanças e discussões com camponeses, indígenas, operários europeus e norte-americanos, negros de vários países da África, guerrilheiros interessados em educação, acadêmicos de todas as áreas, ministros e chefes de Estado... O livro... é uma conversa sem fim, crítica, poética, filosófica, ética e humanística a propósito das visões suscitadas pela Pedagogia do oprimido (BOFF, 2006 apud FREIRE, 2006, p. 7-8).

Boff também enfatiza que Freire introduziu uma troca frutífera entre o conhecimento popular e científico, valorizando o conhecimento e as práticas da vida cotidiana das classes populares (BOFF, 2006 apud FREIRE, 2006, p. 7).

Freire publicou 16 livros entre 1970 e 1992. Assim, a PE foi escrita após ter vivido etapas muito complexas: exílio por 15 anos, tendo vivido em Bolívia, Chile, EUA e Suíça; experiências na África e em outras áreas geográficas; e a gestão como Secretário de Estado da Educação do Estado de São Paulo entre 1989 e 1991, na qual foi confrontado com a burocratização, institucionalização e outras dificuldades dos sistemas de educação urbana (CORTESÃO, 2018, p. 541-543).

A esperança se torna uma categoria transversal do livro. Freire entende que a esperança é ao mesmo tempo uma necessidade ontológica, um horizonte utópico e um componente necessário da prática humana transformadora:

Não entendo a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho. A esperança é necessidade ontológica; a desesperança, esperança que, perdendo o endereço, se torna distorção da necessidade ontológica... Enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica (FREIRE, 2006, p. 10-11).

Vários trabalhos recentes têm investigado os temas relevantes que Freire desenvolveu na PE. Mayo (2021) analisou o colonialismo a partir da perspectiva de Freire. Barbosa (2016) se concentrou na relação entre decolonialidade e a pedagogia da esperança. A mesma temática foi abordada no trabalho de Mota Neto (2016), que documentou as perspectivas decoloniais em Freire, rejeitando as críticas formuladas a este pedagogo por Catherine Walsh e outros autores. Por sua vez, Berkenbrock-Rosito (2017) focalizou sua análise na dimensão estética que caracteriza a PE, com atenção cuidadosa à linguagem e seus diferentes registros, desde os mais populares até as formas cultas e acadêmicas. Esta perspectiva estética está atualmente sendo marginalizada e tornada invisível - acrescentamos, em coerência com os comentários que fizemos anteriormente sobre a virada narrativa e literária -, devido à ênfase dos periódicos na escrita científica que deve caracterizar os artigos de pesquisa, dentro das perspectivas epistemológicas de neutralidade e objetividade que caracterizam muitos discursos sobre o conhecimento e a academia.

Por sua vez, Meggiato, Flores e Rufato (2020, p. 149-154) identificaram quatro dimensões centrais da PE: a noção de esperança, o saber de experiência feito, o inédito viável e a unidade na diversidade. Galli e Braga (2017) propuseram uma análise de conteúdo da PE baseada na categoria central de "diálogo transformador", gerando

duas dimensões principais: a) diálogos com o passado, que incluem três questões: memórias da prática, diversidade lingüística e diálogos com militantes; b) dimensões de diálogo, que se referem a estas seis notas distintivas: democracia, silêncio, consciência, professores, aprendizagem e unidade na diversidade.

Nas páginas de abertura da PE, Freire descreve o projeto do livro, articulado em torno de três momentos:

Num primeiro momento, procuro analisar ou falar de tramas da infância, da mocidade, dos começos da maturidade, em que a Pedagogia do oprimido com que me reencontro neste livro era anunciada e foi tomando forma, primeiro, na oralidade, depois, graficamente.

Algumas dessas tramas terminaram por me trazer ao exílio a que chego com o corpo molhado de história, de marcas culturais, de lembranças, de sentimentos, de dúvidas, de sonhos rasgados... Cheguei ao exílio e à memória que trazia no meu corpo de tantas tramas juntei a marca de novos fatos, novos saberes, constituindo-se, então, em novas tramas.

A Pedagogia do oprimido emerge de tudo isso e falo dela, de como aprendi ao escrevê-la e até de como, ao primeiro falar dela, fui aprendendo a escrevê-la. Depois, num segundo momento do livro atual, retomo a Pedagogia do oprimido. Discuto alguns de seus momentos, analiso algumas críticas a ela feitas nos anos 1970. No terceiro e último momento deste livro falo amplamente das tramas que tiveram como personagem quase central a Pedagogia (FREIRE, 2006, p. 15).

Os principais recursos expressivos, tramas e temas que identificamos na PE são os seguintes:

- O itinerário pessoal, político, profissional e pedagógico de Freire.
- O contexto de criação da *Pedagogia do Oprimido*, escrita no Chile, entre

1967 e 1968. Esta obra foi publicada pela primeira vez em inglês em 1970. A edição portuguesa apareceu em 1972 e dois anos depois se publicou no Brasil na editora Paz e Terra (FREIRE, 2006, p. 53; CORTESÃO, 2018, p. 544). Freire documenta na PE, de forma muito fenomenológica e experiencial, o processo de construção da *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2006, p. 51-82). Ao mesmo tempo, enumera algumas críticas recebidas, elaborando respostas a elas e especificando o contexto histórico específico, caracterizado pelo movimento dos direitos civis, as ditaduras latino-americanas, os processos de descolonização na África e a Guerra do Vietnã (FREIRE, 2006, p. 120-122).

- Memória histórica, lembrança e evocação (infância, família de origem, família que Freire formou, escritos, atividades de formação, exílio, viagens, encontros, momentos de transição e ritos de passagem).
- Exílio, que foi "uma espécie de 'ancoradouro' que tornava possível reconectar memórias, reconhecer fatos, eventos, gestos, unir conhecimentos, soldar momentos, reconhecer para conhecer melhor" (FREIRE, 2006, p. 20).
- A evocação de pessoas (amigos, parentes, educadores, intelectuais), que representamos nesta menção a seu grande amigo Darcy Ribeiro: "Lembro-me agora de nossas conversas em Cuernavaca, México, ao lado de Illich, ou em Genebra, em nossa casa, ou em Lima, com sua equipe. Ele sempre foi um pensador sério, engajado, lúcido. Discurso claro, que elucidou,

que nunca obscureceu, que desvelou" (FREIRE, 2006, p. 190).

- Viagens, como expressão da vocação errante e andarilha de Freire. As páginas dedicadas às viagens ao Haiti, República Dominicana e outros países do Caribe são uma amostra da sutileza e do estilo de uma escrita tolerante e comprometida (FREIRE, 2006, p. 159-168). Também são muito reveladores os comentários sobre uma viagem de mês e meio aos Estados Unidos, percorrendo 10 estados (FREIRE, 2006, p. 150-154).
- As referências cruzadas entre as dimensões do nível "micro" (a fenomenologia da experiência, dos sentidos, do corpo) e o nível "macro" (posições ideológicas, políticas, teóricas, pedagógicas).
- A valorização do 'saber da experiência feito', que ele concebe como o ponto de partida para trabalhar com grupos populares, vulneráveis e excluídos. Como em muitos de seus trabalhos anteriores, a PE inclui numerosos testemunhos de trabalhadores, camponeses e ativistas sociais (FREIRE, 2006, p. 25-28 e 69-71).
- Liberdade formal e temática (avanchando e retrocedendo no tempo; misturando temas, personagens, situações, momentos; combinando discussões teóricas, epistemológicas, políticas e educativas com experiências pessoais muito específicas). Como um de seus biógrafos indica, "Paulo Freire chama-se a si mesmo 'menino conectivo', e sua escrita tem também esse caráter de conectividade e conjugação que o faz reunir coisas aparentemente muito dessemelhantes" (KOHAN, 2019, p. 188).

- Linguagem e a dimensão estética da expressão escrita. A PE se destaca pela atenção dada à estética da linguagem, a intertextualidade e a narração da experiência vivida (MACEDO & CARVALHO, 2018).

Algo que jamais aceitei, pelo contrário, que sempre recusei — a afirmação ou a pura insinuação de que escrever bonito, com elegância, não é coisa de cientista. Cientista escreve difícil, não bonito. O momento estético da linguagem, me pareceu sempre, deve ser perseguido por todos nós não importa se cientistas rigorosos ou não (FREIRE, 2006, p. 72).

O olhar estético constitui uma característica do Freire que pode ter implicações em vários campos, incluindo a formação de professores, como se afirma em um trabalho recente:

A arte responde a necessidade da beleza no ato de comunicar... A reflexão das tramas de sua experiência aponta uma possibilidade da construção de um olhar estético para a formação do professor, sobretudo, que a beleza demanda uma abertura de aprendiz, que se observa, se reinventa, se estuda na sua própria história (BERKENBROCK-ROSITO, 2017, p. 20-25).

As classes sociais como foco central da sociedade, mas com uma atenção importante às desigualdades de gênero e raciais/étnicas (FREIRE, 2006, p. 92-95 e 155-159). De acordo com Freire, a condição social pós-moderna não estabelece uma história sem classes sociais e ideologia. A diferença entre modernidade e pós-modernidade está relacionada a um posicionamento diferente em relação ao poder. A era moderna foi a era da pura conquista do poder. Em contraste, a pós-modernidade envolve a reinvenção do poder, em vez de sua pura conquista. Assim, ele argumenta que os problemas básicos do poder e da desigualdade social não foram

anulados em cenários pós-modernos. Eles simplesmente precisam ser abordados com um espírito diferente, mais aberto e plural.

O progressivismo pós-moderno e a concepção democrática baseada na diversidade e no diálogo (FREIRE, 2006, p. 97 e 198).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: IMPACTO E RELEVÂNCIA ATUAL DE UMA PEDAGOGIA ESPERANÇOSA

É evidente que a PE traz uma importante inovação formal em relação às publicações anteriores. A memória, a subjetividade, a intertextualidade e o relato da experiência vivida são os temas centrais do texto. O conteúdo do texto é diversificado e pluralizado, mudando as relações temporais e temáticas, sem uma sistematização dos conteúdos trabalhados. Mas além das características formais do texto, a PE representa uma linha de continuidade no itinerário freiriano, reafirmando a necessidade de uma educação dialógica, cooperativa e libertadora nos novos cenários pós-modernos e neoliberais.

Freire continua a ser uma referência fundamental na teoria e na prática educacional. O legado de Freire é uma herança que não pertence exclusivamente a ninguém, nem mesmo a seus discípulos, amigos e apoiadores. Recriar o Freire hoje significa reinventar suas propostas, adaptando-as a nossos contextos particulares. Na verdade, a PE é um exemplo eloquente desta posição, que Freire aplica a si mesmo, empreendendo a tarefa de refazer seu itinerário e tornar a continuidade de sua viagem compatível com a abertura a novos horizontes, derivados das mudanças sociais e culturais dos anos 80 e 90 do século passado. A pedagogia da esperança é, ao mesmo tempo, um projeto ético-político, um convite à cooperação transformadora e uma metodologia peda-

gógica para aprofundar o aprendizado baseado no diálogo:

A pedagogia da esperança caracteriza-se em um projeto ético-político, que se recria, está em movimento, sempre aberto às diferenças culturais e às novas realidades sociais. Seu aspecto fenomenológico manifesta-se na formação das redes e organizações sociais. No atinente a dialética se dá pelo aspecto do diálogo crítico e da reinvenção dos saberes entre os envolvidos na proposta de uma transformação cultural a partir da organização popular (ROSA, 2020, p. 89).

Uma das grandes contribuições de Freire foi mostrar com muita eloquência a natureza política da educação, sem aceitar a ideia de que a educação é um puro instrumento de reprodução social e cultural. Freire foi um dos primeiros a defender a pedagogia da resistência, sem cair no voluntarismo, idealismo e ilusão pedagógica. Por isso, é importante destacar a crítica de Freire à racionalidade instrumental e científica, à ideologia do conhecimento especializado e à democracia como um mero sistema de representação eleitoral. De fato, as críticas epistemológicas de uma concepção fragmentada do conhecimento e as críticas políticas de uma democracia restrita e não-participativa se reforçam mutuamente. Freire, como é claramente evidente na PE, apoiou uma racionalidade autocrítica, democrática e dialógica.

Por outro lado, na esfera política, e em oposição aos modelos democráticos elitistas, competitivos e (neo)liberais, centrados na ideia do benefício individual e pessoal, Freire apoiou, especialmente a partir dos anos 80, como é evidente na PE, modelos democráticos participativos e radicais, orientados para a noção de cidadania e o bem comum.

Freire contribuiu para descentralizar o debate educacional e político. Como pe-

dagogo do Terceiro Mundo, interessado na educação formal e não formal, cristão e marxista ao mesmo tempo, seu trabalho é uma contribuição muito importante para a utopia emancipatória que, no entanto, visa não ficar preso a uma visão reificada de uma sociedade plural e contingente.

Deve-se reconhecer que o paradigma crítico, a educação popular e comunitária, a educação de adultos e a pesquisa de ação participativa devem muito ao Freire. Nenhuma dessas áreas pode ser entendida hoje sem referência a suas contribuições.

As desigualdades têm aumentado significativamente nas últimas décadas (GOMES, 2020). O acesso à moradia, alimentação, saúde, trabalho e educação é precário ou inexistente para uma parte significativa da população. A discriminação baseada em gênero, etnia e idade persiste em uma escala global. Em um contexto desigual e precário, estamos testemunhando a crescente instrumentalização e privatização da educação, colocada a serviço do mercado e do poder. A pandemia de 2020 e 2021 aprofundou esta situação, ampliando o abismo entre uma elite privilegiada e as classes trabalhadoras, vulneráveis e excluídas.

A educação contemporânea, sobretudo no Brasil, está sendo levada cotidianamente a um cerceamento dos 'rankings' e dos Think Tanks (gabinetes estratégicos) "salvacionistas" da educação hodierna, ao propor alternativas pré-programadas, com fins pré-definidos, bem como se faz da educação uma mercadoria de consumo, na mais ampla compreensão possível (ROSA, 2020, p. 90).

Neste cenário global, que no Brasil tem nuances trágicas devido às políticas bolnharistas, a PE nos mostra um método para pensar, escrever, comunicar, agir e resistir, no contexto de sociedades desiguais que negam a possibilidade de ser mais.

REFERÊNCIAS

- ATKINSON, Paul. **Understanding Ethnographic Texts**. Sage, 1992.
- BARBOSA, Vera. Modernidade, descolonialidade e educação popular: perspectivas da pedagogia da esperança de Paulo Freire. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, 2016, v. 11, n. 1, p. 81-94.
- BERKENBROCK-ROSITO, Margaréte. A estética da pedagogia da esperança: contribuições à formação de professores. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 2, p. 09-26, Maio-Ago. 2017. <https://dx.doi.org/10.17058/rea.v25i2.8972>
- BISQUERRA, Rafael, **Metodología de la investigación educativa**. Madrid: La Muralla. 2014.
- BOWEN, G. A., Document analysis as a qualitative research method. **Qualitative Research Journal**, 9 (2), 27-40. 2009. <https://doi.org/10.3316/QRJ0902027>.
- BURMAN, Erica. Feminist Research, in P. Banister et al. **Qualitative Methods in Psychology. A Research Guide**. Milton Keynes: Open University Press. p. 121-141, 1994.
- CLIFFORD, James & MARCUS, George. (Orgs.). **Retóricas de la Antropología**. Madrid: Júcar, 1991.
- COFFEY, Amanda. **The Ethnographic Self. Fieldwork and the Representation of Identity**. London: Sage, 1999.
- CORTESÃO, L. Outro reencontro com a Pedagogia do Oprimido e a Pedagogia da Esperança. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, 2018, MG, v. 9, n. 3, p. 553-563. <https://doi.org/10.1002/9781119236788.ch7>.
- CORTESÃO, Luiza. Freire working in and from Europe. In TORRES, Carlos Alberto (Ed.). **Wiley Handbook on Paulo Freire**. John Wiley & Sons. 2019.
- DICKMAN, Ivo; DICKMAN, Ivanio. **Primeiras palavras em Paulo Freire**. São Paulo : Editora Ação Cultural. 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Sa-

beres necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. [original de 1968].

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006 [original de 1992].

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio, **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREITAS, Ana Lúcia S. de. Saber de Experiência Feito. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

GADOTTI, Moacir; DUQUE-ESTRADA, Maria Inês. **Paulo Freire (1921-1997)**. Portal de Divulgação científica e tecnológica. 1997. Disponível em: <http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/livros/paulo_freire_36.html>. Acesso em: 16 abr. 2021.

GALLI, Ernesto & BRAGA, Fabiana. O diálogo transformador a partir da pedagogia da esperança de paulo freire. **Revista Inter Ação**, v. 42, n. 1, p. 51-68. 2017. <https://doi.org/10.5216/ia.v42i1.44030>.

GOMES, Marineide de Oliveira. É preciso diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz: Paulo Freire e a Pedagogia da Esperança. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, n. 29, p. 329-339, mai./ago. 2020.

HADDAD, Sérgio, *O Educador: um perfil de Paulo Freire*. São Paulo: Todavia, 2019.

KOHAN, Walter. **Paulo Freire mais do que nunca: uma biografia filosófica**. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

LATHER, Patty. Critical Pedagogy and its Complicities: A Praxis of stuck places". **Educational Theory**, vol. 48, nº 4, p. 487-497, 1998.

MACEDO, Eunice; CARVALHO, Alexandra. Intertextualidade em Freire: Pedagogia da Esperança ao encontro da Pedagogia do Oprimido, continuidades e pensamento novo. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, MG, v. 9, n. 3, p. 564-575, 2018.

MAYO, Peter. **Gramsci, Freire and Adult Education. Possibilities for transformative Action**. London: Zeb Books, 1999.

MAYO, Peter. A relevância de Freire para entender o Colonialismo. *Informatica Didactica*, v. 23, p. 203-212, 2021

MCLAREN, Peter. Revolutionary Pedagogy in post-revolutionary times: Rethinking the political economy of critical education, p. 431-462, **Educational Theory**, vol. 48, nº 4, 1998.

MCLAREN, Peter; LEONARD, Peter (Org.). **Paulo Freire: A Critical Encounter**. Londres: Routledge, 1994.

MEGGIATO, Amanda Oliveira; FLORES, Cristina Steffen; RUFATO, Marcela De Andrade. A atualidade de pedagogia da esperança em tempos de adversidades. In ZITKOSKI, José; Vicente, José; ROBAINA, Lima; ROSA SOARES Jeferson (Org.) **Paulo Freire e a educação contemporânea**. Curitiba-PR: Editora Bagai, 2021, p. 86-92.

MILES, Mathew & HUBERMAN, Michael. **Qualitative Data Analysis: An Expanded Sourcebook**. Sage, 1994.

MORIN, Edgar. **La tête bien faite**. Paris: Éditions du Seuil, 1999.

MOTA NETO, João Colares da. **Por uma pedagogia decolonial na América Latina Convergências entre a educação popular e a investigação-ação participativa**. Curitiba: Editora CRV, 2016.

O'CADIZ, Maria del Pilar; WONG, Pia Lindquist; TORRES, Carlos Alberto. **Education and Democracy: Paulo Freire, Social Movements and Education Reform**. Chicago: Westview Press, 1998.

OLESEN, Virginia. Feminisms and Qualitative Research at and into the Millenium, in DENZIN, Norman.

K. & LINCOLN, Yvonna S. (Eds.), **Handbook of Qualitative Research**, 2nd ed. (215-255). London: Sage, 2000.

PLUMMER, Ken. **Documents of Life 2** (2nd ed.). London: Sage. 2001.

REINHARZ, Shulamit. **Feminist Methods in Social Research**. Oxford University Press, 1992.

RICHARDSON, Laurel. **Writing Strategies**. Lon-

don: Sage, 1990.

ROSA, Nilson Carlos Da. Pedagogia freireana em diálogo com a sociedade contemporânea: à luz da pedagogia da esperança. In ZITKOSKI, José ; Vicente, José ; ROBAINA, Lima ; ROSA SOARES Jeferson (Org.) **Paulo Freire e a educação contemporânea**. Curitiba-PR: Editora Bagai, 2021, p. 86-92.

SCHWANDT, Thomas. **Dictionary of Qualitative Research** (2nd ed.). London: Sage, 2001.

STRECK, Danilo R. Esperança. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

TORRES, Carlos (Org.). **The Wiley Handbook of Paulo Freire**. Nueva Jersey: Wiley-Blackwell, 2019.

USHER, Robin; BRYANT, Ian; JOHNSTON, Rennie. **Adult Education and the Postmodern Challenge**. London: Routledge, 1997.

VAN MANEN, Max. **Researching Lived Experience**. State University of New York Press: The Althouse Press. 1990.

WEILER, Kathleen. Freire and a Feminist Pedagogy of Difference. **Harvard Educational Review**, vol. 61, nº 4, 1991, p. 449-474.

WEILER, Kathleen. Myths of Paulo Freire, **Educational Theory**, vol. 46, nº 3, p. 353-371, 1996.

*Recebido em: 25/07/2021
Aprovado em: 07/09/2021*